

# Porquê Repetir Experiências?

Nelson  
Zagalo

29 de Outubro de  
2014

Nos últimos anos deixei-me levar pelos vícios da sociedade abundante e acelerada do século XXI, e deixei de rever, rejogar, reler, etc.. Vivemos numa era em que temos acesso a tudo, alguém diz o nome de um filme, de um jogo ou livro, e instantaneamente por via da rede, podemos ter acesso e comprovar o que se disse, ficar a saber se é realmente tão bom, ou tão mau, como foi dito. A abundância acaba por implicar a velocidade, já que por termos acesso a tantas obras, temos de as consumir rapidamente, para poder passar às seguintes. Num fluxo de tempo com estas características, deixa de haver espaço e tempo para experienciar o que já se experienciou antes. Conta apenas o novo, o não experimentado, sentimos que o tempo nos foge e que por mais obras novas que experiencemos, nunca as conseguiremos viver todas...

## **...por baixo repetem-se padrões que conheço de outras obras, que acabam emergindo nas minhas memórias**

Apercebi-me disto, com maior intensidade, nos últimos meses. O meu ritmo de consumo de novos filmes e jogos começou a abrandar, não por não ter acesso a novo material, as minhas listas de filmes e jogos para ver e jogar não têm parado de aumentar, mas talvez por ter atingido uma espécie de saturação, uma saturação do novo! Ou seja, os filmes/jogos novos não me satisfazem, parecem já não conseguir estimular em mim, as emoções e sentires a que estava habituado. A cada novo filme, parece que estou a ver um mesmo cozinhado, ao qual foi apenas acrescentado um molho de trago distinto. A camada à superfície tem melhor técnica, mais evoluída e moderna, mas por baixo repetem-se padrões que conheço de outras obras, que acabam emergindo nas minhas memórias.

Nesse sentido comecei a comparar esta sede pelo novo, com os tempos em que não existia ainda este mundo de abundância. Lembro-me de conservar muito bem as minhas cassetes VHS, de as etiquetar e numerar com todo o cuidado, de criar dossiers de folhas plásticas numeradas, nas quais guardava recortes de revistas sobre cada um daqueles filmes. Conhecia cada um, muito para além do objecto em si: os seus cartazes em vários países; os seus atores e realizadores; as técnicas de efeitos especiais utilizadas; as estrelas e textos de vários críticos; as listas de melhores filmes a que pertenciam; etc. A juntar a isto, e porque era um dos meus hobbies favoritos, revia constantemente cada um destes. Nomeadamente nas férias escolares, revia mais do que via novidades. Dos cerca de 200 filmes que teria, devo tê-los revisto todos uma média de mais de cinco vezes, ao longo de anos. Alguns menos, outros muito mais, casos como "Rio Bravo" (1959), "The Godfather" (1972), "The Way of the Dragon" (1972), "Apocalypse Now" (1979), "The Dead Zone" (1983), "The Neverending Story" (1984), "The Bounty" (1984), "Dune" (1984), "The Emerald Forest" (1985), "Aliens" (1985) ou "Wild at Heart" (1990), foram revistos mais de 10 ou 20 vezes.



É verdade que a ânsia pelo novo existia, tal como agora, mas porque não existia acesso, muitas vezes era “obrigado” a ver o que tinha. Deste modo a minha relação com esses filmes era construída no tempo, ampliando-se através de informação adjacente. Mas de cada vez que revia algum desses filmes não sentia menor prazer por o estar a rever, era mais como um voltar a sentir uma experiência já conhecida. A própria antecipação de ir ver algo que já conhecia, criava o momento, preparava-me psicologicamente para a experiência. Aliás, o facto de conhecer bem todos os filmes, e o desenho das suas experiências, permitia-me escolher exatamente aquela que me poderia dar maior prazer naquele momento, ajustando-se completamente ao meu estado de humor.

Entretanto encontrei o artigo, “*The Temporal and Focal Dynamics of Volitional Reconsumption: A Phenomenological Investigation of Repeated Hedonic Experiences*” [1] no qual investigadores procuraram perceber o que leva as pessoas a reviver experiências, desde o cinema à leitura ou viagens. Embora o seu objetivo seja angariar informação para que as empresas possam continuar a fazer dinheiro com experiências antigas, interessou-me a mim, compreender o seu trabalho de análise qualitativa e a sua resultante num conjunto de padrões de comportamentos das pessoas que assumem reviver experiências. Russell e Levy sintetizaram assim o “reconsumo” em cinco grandes padrões:

- **Regressivo:** replicação de experiência anterior de forma a poder retornar a um estado inicial.
- **Progressivo:** revisitar uma experiência para afirmar, confirmar ou desconformar uma impressão deixada pela experiência.
- **Reconstrutivo:** refrescamento ou reconstrução de uma memória desvanecida ou já esquecida.
- **Relacional:** partilha da experiência com pessoas novas para poder ampliar a nossa própria apreciação.
- **Reflexivo:** revisitar e reconsiderar interpretações anteriores de modo a crescer mentalmente com a experiência.

Tenho de dizer que me surpreendeu, essencialmente pela riqueza do que se obtém com algo que à partida nos pode parecer perda de tempo, por se tratar de mera repetição, de recalcar o que já foi calcado. É verdade que as experiências novas, distintas, não ficam propriamente atrás em termos do que nos oferecem, mas existe algo de fundo que me parece distinguir-se entre a experiência nova e a repetição, e que tem que ver com a emocionalidade. A experiência nova é acima de tudo um processo de aprendizagem, de conhecimento, de interpretação, enquanto a repetição é muito mais uma consolidação de sentires, ainda que possa refrescar a cognição, mas é acima de tudo um reavivar de um prazer. Para alguns chega mesmo a ser uma experiência com capacidades terapêuticas.

---

[1] Cristel Antonia Russell and Sidney J. Levy, *The Temporal and Focal Dynamics of Volitional Reconsumption: A*

Phenomenological Investigation of Repeated Hedonic Experiences, in *Journal of Consumer Research*, Vol. 39, No. 2 (August 2012), pp. 341-359